

A Universidade Forma Empreendedores? Aspectos Convergentes e Divergentes sob a Ótica de Alunos, Professores, Pais e Empreendedores

Autoria: Vânia Maria Jorge Nassif, Derly Jardim do Amaral, Clovis Cerreto Pinto, Maria Thereza Rubim C. Soares

Resumo:

A pesquisa teve por objetivo identificar os fatores determinantes para a formação empreendedora e que auxiliem na construção de um projeto pedagógico do curso de Administração, de uma determinada universidade, comprometida com a formação empreendedora. Adotou-se uma abordagem qualitativa, classificada como exploratória. Utilizou-se de sessões de grupos de foco para coletar os dados juntos aos alunos e pais de alunos; questionário não estruturado para coletar dados juntos aos professores, com perguntas abertas extraídas dos resultados da pesquisa feita com os alunos e pais e, entrevistas semi-estruturadas realizadas com empreendedores do mercado para conhecer as opiniões sobre a formação que a referida Universidade tem oferecido, totalizando 24 participantes da pesquisa. Os resultados foram submetidos à análise de conteúdo e apontam para a necessidade de rever o projeto pedagógico. Necessário fazer o alinhamento do que se ensina em sala de aula com o que se vive no cotidiano profissional para atender essa realidade; metodologias que integrem teoria e prática, por meio de atividades extensionistas e incentivo à pesquisa. Depreende-se que a formação empreendedora não é um atributo exclusivo da IES, não obstante possuir um papel preponderante para essa formação.

Introdução

Instituição de ensino superior, universidade, educação, formação empreendedora, competência e competitividade têm sido temas em destaque nos centros educacionais, organizacionais, nos *fórum* de discussões, congressos, como também na mídia. Aparecem como segmentos ou recursos capazes de alavancar soluções frente aos problemas da qualidade do ensino, assistência à comunidade, melhoria da qualidade de vida dos cidadãos, aquecimento do mercado de trabalho, entre outros. Relacionar assuntos como construção de projeto pedagógico para formação empreendedora no contexto de instituições de ensino superior tem sido o desafio (NASSIF, 2000).

As mudanças que vêm ocorrendo no mundo e no Brasil nesta década transformam os paradigmas organizacionais. Entretanto, a escola no Brasil, de maneira geral, ainda continua cultuando um paradigma tradicional, ou seja, o continuísmo dos modelos burocráticos, cartesiano e mecanicista, em detrimento às práticas inovadoras e criativas, criando, desse modo, uma grande lacuna entre empresa, escola e profissionais que são colocados no mercado (NASSIF, 2000). Neste sentido, as universidades representam um segmento importante no contexto econômico e social e têm uma parcela de responsabilidade pelos profissionais que colocam no mercado de trabalho.

Estudos desenvolvidos no âmbito do MEC e divulgados pelas universidades, apontam para a necessidade de repensar o projeto pedagógico com vistas a propiciar um ensino mais dinâmico e que atenda a necessidade vigente dada à constatação de que a universidade é o *locus* para a concretização e construção do conhecimento e o professor o gestor para viabilizar estes conhecimentos.

Desta forma, as questões de pesquisa que nortearam o desenvolvimento do presente estudo foram o de identificar quais são os fatores determinantes para a formação empreendedora. De que maneira, a pesquisa propiciou analisar se estes fatores auxiliam na construção de um projeto pedagógico voltado para tal formação. Trata-se, portanto, de uma pesquisa que priorizou o método qualitativo, de caráter exploratório. Foi desenvolvido com o intuito de conhecer o quanto o projeto pedagógico pode contribuir e se o projeto em vigência necessita de alinhamento para formar empreendedores.

Nesse sentido, esta pesquisa desenvolveu os seguintes objetivos específicos:

- a) Levantar por meio da literatura, as teorias que sustentam os estudos acerca da formação empreendedora e o papel da educação e instituições educacionais;
- b) Demonstrar, a partir de uma análise científica, a importância do projeto pedagógico para os cursos de graduação em Administração;
- c) Apresentar propostas de incentivo à formação empreendedora;
- d) Oferecer um texto-síntese, com base na literatura, com reflexões acerca do papel das universidades, dos professores, dos alunos e a relação desses agentes contemplados na formação empreendedora;

Esse artigo está organizado da seguinte forma: o referencial teórico contempla temas relacionados aos paradigmas da educação, abrangendo as IES, as diretrizes da educação superior, a função e contribuições do projeto pedagógico e a formação empreendedora. Os procedimentos metodológicos apresentam o desenho da pesquisa e os resultados foram analisados por grupo de referência e, construído um quadro apresentando as opiniões dos participantes quanto aos aspectos convergentes e divergentes. E por fim, as conclusões apresentam uma discussão acerca da formação empreendedora no ambiente educacional.

Referencial Teórico

Mudanças de paradigmas e as Instituições de Ensino Superior

Para Kuhn (1987), *paradigmas* (do grego, *parádeigma*) são realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante um período de tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes da ciência. Em outras palavras, paradigma refere-se a modelo, padrão e exemplos compartilhados e utilizados para descrever, explicar e compreender a realidade. Dentro desse mesmo enfoque, revoluções científicas são episódios de desenvolvimento, nos quais um paradigma mais antigo é total ou parcialmente superado e substituído por outro que desponta como um novo e mais apropriado veículo para a teoria e prática científica. Essas revoluções podem variar quanto à sua extensão e significado. Em outras palavras, trata-se de um processo de mudança.

Drucker (1997) adverte que a revolução tecnológica está exigindo mudança de paradigmas em relação às escolas, para que as mesmas possam sobreviver às novas demandas. Diz que ela transformará o aprender e o ensinar dentro de poucas décadas e mudará a economia da educação. Além disso, irão tornar-se altamente intensivas de capital e serão as mudanças na posição social e no papel da escola que estimularão as transformações do próximo século. Indaga ainda, que a educação significa um compromisso claro com a prioridade do ensino escolar e que o papel do professor também passa por uma transformação, liberando-o do ensino rotineiro, corretivo e repetitivo. Acredita que terão cada vez mais tempo para identificar os pontos fortes dos estudantes, focalizarem esses pontos e levá-los a realizações, ou seja, terão tempo para ensinar.

Sousa (1998) ressalta que durante os anos 60, e em grande parte dos anos 70, o modelo de escola de boa qualidade era aquele projetado pelas escolas religiosas que tinham como diferencial uma proposta curricular decorrente. De um lado a crença religiosa, de outro, a subordinação aos determinantes culturais do país de origem da sua entidade mantenedora. Complementa esta idéia Falcão Filho (1997), para o qual essa concepção curricular apresentava uma característica básica: não tinha compromisso com a cultura e nem com a sociedade na qual ela, seus alunos e seus profissionais, estavam inseridos.

Segundo este mesmo autor, esta falta de compromisso provocava uma concepção curricular dissociada do contexto no qual estava inserida a escola. Essa dissociação se manifestava na medida em que a escola, através das ações de seus profissionais, não levava em consideração, as características políticas, sociais e econômicas do contexto e, pela omissão ou pela ação, menosprezava os valores e crenças da cultura onde estava situada, conseqüentemente, voltada para o seu interior, para seu ambiente interno.

Hoje, observa-se claramente que, a formação e a prática do educador passam a ter como características fundamentais a maximização dos aspectos sócio-políticos e a minimização do técnico-operacional. Do educador, como afirma Feldens (1996), tem sido solicitado assumir um papel determinante e crucial na promoção de uma educação e profissionalização de qualidade – com relevância e significado para todos os alunos. Nota-se que as crises, os dilemas do ensino superior e os defrontados por profissionais atuantes, professores e estudantes, refletem e dizem respeito, em grande parte, à falta de consciência nacional sobre a importância da educação; aos deslocamentos entre universidade e sociedade, refletidos em uma não correspondência, em um não atendimento aos interesses do alunado e do setor produtivo.

A educação superior passa, na atualidade, por mudanças estruturais, sociais e políticas e procura resgatar necessidades básicas para a qualidade do ensino. Sampaio (1998) afirma que a discussão sobre a qualidade do ensino superior não é nova no Brasil. A Organização das Nações Unidas para a educação, ciência e a cultura – UNESCO (1998) tem se constituído no principal fórum internacional de elaboração e discussão da educação superior em nível mundial. Afirma que a abrangência de sua ação e a abertura com que organiza o debate entre especialistas e representantes governamentais agregaram um acervo valioso de diagnósticos e recomendações dentro do seu compromisso de promover a educação superior e a pesquisa. Os resultados e as conclusões obtidas abriram o caminho que deverá seguir a educação superior no próximo século. Segundo o documento oficial gerado pela UNESCO, existem três aspectos-chaves que determinam a posição estratégica da educação superior na sociedade contemporânea e o seu funcionamento interno. O primeiro é a pertinência da educação superior que se expresse de melhor maneira através da variedade de serviços à sociedade. O segundo é a qualidade na educação superior dentro de um conceito multidimensional, que apresenta três funções clássicas: docência, pesquisa e extensão. O terceiro diz respeito à globalização que se tornou imprescindível aos alunos e professores para uma maior internacionalização e parceria com outras entidades educacionais. A missão-chave da educação superior é a de contribuir para o desenvolvimento sustentável e melhoria da sociedade. Construir um espaço aberto para a formação superior propicia a aprendizagem permanente e promove, gere e difunde o conhecimento através da pesquisa científica. Além disso, permitir a compreensão, interpretação, preservação, reforço e fomento para a difusão das culturas nacionais, regionais, internacionais e históricas, num contexto de pluralismo e diversidade cultural.

No que concerne à Instituição de Ensino Superior (IES) no Brasil, a preocupação com a qualidade e aperfeiçoamento da educação, no contexto global, não constitui um fato novo na história desse país. Entretanto, de acordo com Niskier (1997), estas preocupações ficaram tão divergentes e segmentadas que cada instituição aborda-a da maneira como lhe convém. Há instituições que se voltam mais para o aperfeiçoamento das questões burocráticas, outras valorizam e investem mais na infra-estrutura, outras se voltam para a pesquisa e, ainda existem aquelas que só visam o ensino, considerando utopia lidar com o todo, com o global. As atribuições das instituições de ensino superior não devem evitar, de acordo com Botomé (1998), a criação de dificuldades para o desenvolvimento e para a administração da instituição. Pontua que essas atividades são formas para que a mesma realize suas funções na sociedade: produzir o conhecimento e torná-lo acessível a todos. A pesquisa, de qualquer tipo, é uma atividade por meio da qual é produzido o conhecimento – o ensino e a extensão são meios para tornar o conhecimento produzido acessível à sociedade. Botomé (1998) propõe a ampliação da extensão universitária e das funções dos departamentos ou cursos como etapas do processo de produção do conhecimento, acreditando ser esta, uma forma de superar os problemas de compartimentalização do conhecimento. Para Vasconcelos (2000) fica evidenciada, na prática, que a universidade é uma instituição que deveria ter como

característica básica a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão. Contudo, muitas vezes não consegue manter estes três aspectos realmente interligados, nem sustentar um equilíbrio de qualidade entre eles. Assegura que cada universidade dá ênfase maior ou menor a cada um dos três campos, sem, com isso, atingir a real definição de universidade, ignorando, inclusive, as efetivas possibilidades de interligar esses três pólos, construindo uma instituição de ensino diferenciada, com características marcadamente de 3º grau.

Para sustentar a dinâmica da educação superior e manter uma diretriz que assegure um caminho objetivo e focado, as IES contam com um recurso precioso, porém pouco utilizado, o Projeto Pedagógico. Segundo Rodrigues et al. (2007) em 2004, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) passou a exigir a organização dos cursos superiores segundo as Diretrizes Curriculares. É importante reparar que sua definição se opõe aos antigos Currículos Mínimos, com o propósito de estabelecer, em nível nacional, a necessária flexibilidade das IES, de modo a atender as particularidades de sua clientela e das regiões onde atuam (ANDRADE; AMBONI, 2003).

Rodrigues et al. (2007) pontua que a concepção de Currículos Mínimos implicava elevado detalhamento de disciplinas e cargas horárias a serem obrigatoriamente cumpridas, sob pena de não ser reconhecido o curso, ou até não ser ele autorizado a funcionar quando de sua proposição, ou quando avaliado pelas Comissões de Verificação. Isso inibia as IES de inovar na concepção dos cursos existentes, para atenderem às exigências de diferentes ordens. Assim, surge a discussão em torno do projeto pedagógico como um instrumento fundamental para dar norte aos cursos e organizar o currículo em competências a ser construído pelas próprias escolas, dada às especificidades locais, regionais e institucionais. Assim, por meio dessa dinâmica, é possível propiciar ao aluno a construção de seu próprio itinerário, criando sentido sobre as experiências que vai acumulando e os conhecimentos angariados no processo de aprendizagem. Nesse contexto, o projeto pedagógico torna-se peça fundamental para conectar todos estes fatores que envolvem ambientes e pessoas dentro do espaço escolar e das novas propostas de educação para a autonomia do cidadão. Note-se que trabalhos cujo objetivo é repensar as características do ensino superior em geral têm ganhado importância não apenas no Brasil (Zabalza, 2004). No caso brasileiro, em específico, muitos estudos têm como foco a discussão do papel da universidade na formação profissional, buscando entender os caminhos por meio dos quais tais formações se concretizam, segundo Vasconcelos, 2000.

A formação do empreendedor

A complexidade do ambiente de negócios gera a necessidade crescente de desenvolver e preparar profissionais aptos a atuar frente a essa realidade. As organizações têm buscado, incessantemente, formas de se tornar mais receptivas às mudanças externas e organizacionais, identificando e desenvolvendo maneiras que auxiliem na sua adaptabilidade o novo cenário, transformando as mudanças em desafios e oportunidades.

Neste contexto, o empreendedor passa a ter papel fundamental em gerar novos negócios e bons resultados, tornando-se assim, fundamental investir em sua formação. Na visão de Souza (2000), a formação do empreendedor passa pela aquisição de conhecimento, habilidades, experiências, capacidade criativa e inovadora, com o intuito de capacitá-lo no sentido de desenvolver suas competências empreendedoras. Assim, a autora pontua que essas necessidades desafiam universidades, o setor produtivo e o Estado a estabelecerem novas formas de relações e a desenvolverem metodologias apropriadas (p.202).

Não obstante, várias pesquisas se dedicam a entender quais são as características ou competências necessárias para a formação do empreendedor, a questão fundamental recai em como desenvolvê-las e de que maneira.

A formação do empreendedor, segundo Aquino (2004), tem dividido opiniões de especialistas revelando a existência de correntes que dizem que não é possível formar

empreendedores com treinamento, e observam-se ainda, outros que concordam ser possível desenvolver habilidades, treinar comportamentos e incorporar conhecimentos.

Menezes (2007) diz que empreendedorismo é aprendizado pessoal, que impulsionado pela motivação, criatividade e iniciativa, busca a descoberta vocacional, a percepção de oportunidades e a construção de um projeto de vida ideal. No entanto, no meio acadêmico, as discussões têm se pautado de que o empreendedorismo é algo que pode ser aprendido e para tal, o empreendedor precisa adquirir conhecimentos e habilidades que estejam relacionados com aquilo que deseja realizar (FILION, 1991). Nota-se, assim, que a aprendizagem desempenha um papel central na atividade profissional do empreendedor. Em outras palavras, o empreendedor precisa continuar a conceber, desenvolver e concretizar as visões que norteiam as atividades da organização que dirige. Para o empreendedor, “a coisa mais importante é estar num processo dinâmico de aprendizagem, em que possa continuar a aprender indefinidamente. Ele continuará a aprender coisas que considerar interessantes ou que tenha identificado como necessárias para seu objetivo” (FILION, 1991, p. 64).

De uma forma geral, a aprendizagem e o desenvolvimento são processos que se influenciam reciprocamente, sendo que a aprendizagem possibilita o processo interno de desenvolvimento, condição básica para que aquela ocorra (Oliveira, 1995). O desenvolvimento diz respeito aos mecanismos gerais relacionados à inteligência, como pensar e conhecer, caracterizando-se por ser um processo biológico espontâneo, ocorrendo em fases inter-relacionadas que se sucedem atingindo estágios mais evoluídos de inteligência, possibilitando maior mobilidade e estabilidade (MIZUKAMI, 1986). O desenvolvimento é considerado um processo de maturação do ser humano, que possibilita a aprendizagem. O aprendizado por sua vez, desperta processo de desenvolvimento tornando-se aos poucos parte integrante das funções psicológicas já consolidadas do indivíduo (VYGOTSKY apud OLIVEIRA, 1995). Assim, a aprendizagem distingue-se do conceito de educação, pois esta é considerada fundamentalmente como instrução, de responsabilidade da escola, baseada na transmissão de conhecimentos de uma geração para outra (LIBÂNEO, 1989), tendo como principal objetivo o desenvolvimento do raciocínio. A educação tem, portanto, como principal finalidade desenvolver a capacidade por meio do conhecimento.

A escola e a empresa apresentam um papel fundamental na formação do indivíduo, possuindo uma proposta tríplice para o estudo: aprender habilidades e adquirir conhecimentos sobre temas específicos, desenvolver habilidades conceituais gerais e habilidades e atitudes pessoais que também podem ser facilmente utilizadas em tudo o que se faz.

Para Gibb, Miller, Brundage e Mackeracher apud Abreu e Masetto (1990), os adultos aprendem muito mais com experiências da vida e com atividades centradas em problemas e significativas para sua vida. Para que a aprendizagem aconteça, é necessário que seja significativa ao aprendiz, envolvendo mudança de comportamento, visando a objetivos reais, precisando ser acompanhada de imediato através de *feedback* e baseada no bom relacionamento interpessoal.

A questão do “como ensinar empreendedorismo” é igualmente complexa. Vários autores têm posições distintas sobre o tema. Löbler (2006) faz um comparativo entre as formas de educação de negócios e a educação empreendedora mostrando as diferenças com relação às dimensões: foco, ensino, objetivo educacional, papel do aluno, papel do professor, fontes de informação, indução à obtenção de informação, condutor do processo de aprendizado, agentes participantes da interação e tipos de atividades. Depreendem-se deste comparativo que a abordagem é significativamente diferente tendo no caso da Educação de Negócios no centro do processo educacional o professor e, o currículo, como fontes de conhecimento reservando ao estudante o papel de consumidor passivo, ouvindo ao professor e lendo os livros textos predeterminados. Por sua vez, a abordagem de Educação Empreendedora teria no centro o estudante, demandando conhecimentos com participação ativa e conhecimentos das mais

diversas fontes de informação. Portanto, uma abordagem mais desafiadora pela sua complexidade. Shepherd (2004) defende uma abordagem alternativa para propiciar o aprendizado do empreendedorismo. Para esse autor as emoções associadas às perdas vivenciadas pelos empreendedores em processos de falência são elementos importantes na construção das competências empreendedoras. Entretanto, tais experiências são estressantes tanto para o empreendedor como para seus familiares. Entende ser necessária uma abordagem pedagógica do empreendedorismo por meio do trato dos sentimentos de luto associados às falências baseadas em técnicas eminentemente vivenciais. Esse autor recomenda como técnicas: a) aulas expositivas: com conteúdo voltado para leituras prévias, empreendedores e seus negócios, luto e processo de recuperação e recuperando do luto em negócios falidos; b) experiências indiretas: buscam aprender a partir da assimilação das experiências de outros; c) empreendedores de sucesso ou não podem ser convidados para apresentar suas experiências; d) estudos de caso; d) experiências diretas, como reflexões sobre o luto, isto é, reflexão sobre suas experiências de perda passadas e buscando associação a situações de negócio; e) dramatizações: nas quais os alunos são levados a imaginar, pensar e agir com outras pessoas; f) simulações: é um recurso que vem sendo utilizado em aulas sobre empreendedorismo para permitir que estudantes tenham a oportunidade de tomar decisões sobre problemáticas.

De maneira geral, os achados na literatura acerca do tema estudado, propiciaram argumentos sólidos e pertinentes para a discussão dos dados levantados na pesquisa de campo.

Procedimentos Metodológicos

Pesquisas científicas na temática da formação de empreendedores e o papel das IES para esse fim encontram-se ainda em fase incipiente, particularmente na literatura brasileira. A escassez de estudos e o caráter inovador na esfera educacional remetem à compreensão deste fenômeno à luz de uma frágil base de conhecimento. Tendo em vista que o objetivo dessa pesquisa foi o de identificar quais são os fatores determinantes para a formação empreendedora e de que maneira estes fatores auxiliam na construção de um projeto pedagógico voltado para tal formação adotou-se uma abordagem qualitativa. A expectativa foi a de levantar respostas de como este fenômeno é tratado pelas universidades, focalizando os significados e procurando compreender o papel dos alunos, professores e outros elementos do seu grupo de interesse, sem a preocupação de enumeração e/ou medição dos eventos estudados e nem a generalização dos resultados. Neste sentido a pesquisa pode ser classificada como exploratória. O estudo adota, portanto, uma posição epistemológica interpretativa, procurando explicar o fenômeno em estudo, segundo o ponto de vista dos sujeitos pesquisados, não lhes impondo pontos de vista externos e formulados aprioristicamente. Ao pesquisador que adota este tipo de enfoque, de acordo com Flick (2004), cabe captar o significado que as pessoas dão às coisas e ao seu entorno, ou seja, buscam-se compreender os fenômenos que estão sendo estudados a partir da perspectiva dos participantes, neste caso, os alunos, professores, pais de alunos e empreendedores atuantes no ambiente. Em pesquisas qualitativas, em geral, adota-se um enfoque indutivo. Significa que os pesquisadores lançam mão de hipóteses geradas pelo próprio processo de pesquisa, e não as provenientes de um quadro referencial teórico previamente estabelecido (GLASER e STRAUSS, 1967; SILVERMAN, 1999). Por este motivo, este estudo não apresenta hipóteses, mas emergirão dos dados e serão comentadas ao longo do processo de análise.

Dentre as técnicas qualitativas, optou-se por utilizar a entrevista com roteiro semi-estruturado, grupo de foco e questionário para coleta de dados. Estas técnicas foram aplicadas em diferentes etapas, a saber: para coletar os dados juntos aos alunos e pais de alunos utilizou-se de sessões de grupos de foco. Para tanto, elaborou-se um roteiro com perguntas temáticas visando provocar as discussões entre os participantes do grupo. Para coletar dados juntos aos

professores, elaborou-se um questionário não estruturado, contendo perguntas abertas extraídas dos resultados obtidos junto a alunos e pais empreendedores. Este questionário visou identificar as opiniões dos professores acerca da formação de empreendedor no contexto de instituições educacionais. Foi enviado por meio eletrônico para 50 professores, obtendo-se um retorno de 10 respostas válidas. Para a coleta dos dados junto aos empreendedores, utilizou-se de entrevistas semi-estruturadas procurando levantar as opiniões desses participantes sobre a formação que a referida Universidade tem oferecido aos alunos de graduação em Administração. Para tanto, foram realizadas cinco entrevistas, no ambiente de trabalho dos sujeitos participantes, com duração média de 50 min. cada uma. Os grupos de foco e as entrevistas em profundidade foram gravados, com a anuência dos participantes e as respostas foram degravadas e submetidas à análise de conteúdo, conforme BARDIN (1977).

A Figura 1 apresenta o contexto em que a pesquisa foi realizada, identificando os agentes que foram selecionados, por parâmetros de acessibilidade e de conveniência, em cada ambiente (familiar, acadêmico e organizacional) para a coleta de dados.

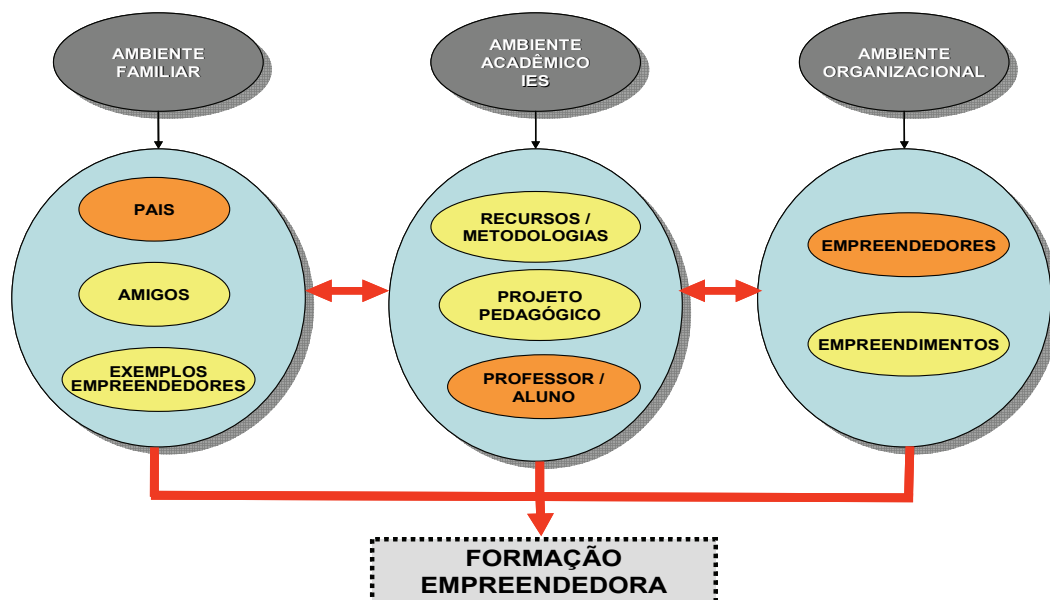


Figura 1 – Contexto da pesquisa
Fonte: Elaborada pelos autores

A amostra foi composta por acessibilidade e por conveniência. Ao todo foram reunidos vinte e seis participantes em quatro grupos diferentes, cada qual representando um ambiente específico, conforme identificado na Figura 1. A reunião destes grupos obedeceu aos seguintes critérios: Grupo 1 - ser aluno do curso de graduação em Administração; Grupo 2 - ser pai de aluno e, ao mesmo tempo, empreendedores estabelecidos; Grupo 3 - ser professor da referida Universidade e, por último, Grupo 4 - ser empreendedor que atua no entorno da universidade pesquisada.

O Gr. 1 foi constituído por sete alunos, sendo seis do gênero masculino, todos do curso de Administração com idades variando de 21 a 25 anos no momento da realização da pesquisa, atuando profissionalmente diferentes carreiras. O Gr. 2 foi constituído por quatro pais empreendedores, sendo três do gênero masculino. Um dos participantes é do ramo de logística e transporte, outro do ramo de alimentação e outros dois são do ramo de instalações comerciais. Todos os quatro empreendedores estão com idade entre 40 e 55 anos. Atuam em seus respectivos ramos entre 08 a 13 anos. Todos os participantes têm filhos que estudam na referida Universidade. O Gr. 3 foi composto por dez professores de disciplinas diversas, que atuam em período integral nos cursos de Administração, há mais de cinco anos, sendo oito

deles do gênero masculino e o Gr. 4 foi composto por cinco empreendedores, sendo quatro do gênero masculino, com faixa-etária variando entre 27 e 51 anos. Quanto à escolaridade, observou-se que quatro possuem superior completo, sendo que dois deles são pós-graduados e um possui o superior incompleto. Dos cinco respondentes, quatro são casados e um é solteiro. Quanto às empresas destes empreendedores, todas são do segmento de logística, atuando na área entre dois e cinco anos e o porte das empresas varia entre nove e vinte e um colaboradores.

Resultados e Análise dos Dados

Análise das categorias obtidas no grupo de foco junto aos alunos

a. Conceito de empreendedor

Os alunos vêem o empreendedor como corajoso, que corre risco, criativo, determinado, investe tempo e dinheiro em objetivos pessoais claros ligados a seus sonhos, tanto no âmbito de negócios quanto na vida pessoal. Tem crença no seu potencial e na sua capacidade de realização aproveitando os fatores disponíveis e transformando-os em oportunidades.

b. Possibilidade de formar empreendedores

Concordam que empreendedores podem ser formados. Esta crença é baseada na convicção de que as pessoas não nascem sabendo tudo e que atividades de treinamento podem instruir as pessoas. A atuação empreendedora dependeria da existência de determinadas características como competências e habilidades que poderiam ser desenvolvidas, porém que demandam tempo. Para jovens empreendedores isso poderia ser um problema que, como o tempo, no longo prazo poderia haver uma maior facilidade. O apoio governamental no processo de formação empreendedora foi considerado relevante. A formação empreendedora não deveria ser vista exclusivamente sob o prisma acadêmico de um processo educacional formal e sim como algo mais amplo considerando-se a influência da família e do ambiente em que a pessoa nasceu e viveu ao longo de sua vida.

d. Dificuldades para empreender no Brasil

Empreender no Brasil foi considerado como algo complexo pela falta de orientação e de apoio. Existem várias barreiras para empreender. No âmbito acadêmico falta de projeto, incentivo financeiro e acesso dificultado às informações. Tais problemas afetam tanto empreendedores quanto alunos.

e. Comparando Facilidades para empreender no Brasil com os EUA.

Na ótica dos participantes atualmente existem mais apoio ao empreendedorismo no Brasil do que antigamente, como as incubadoras e a maior disponibilidade de recursos. O ambiente cultural brasileiro foi tido como criativo e inovador e acreditam que existe um traço da cultura norte-americana que estimula e valoriza o ato de estudar. Afirmam existir projetos para empreender desde o início do curso com linhas de financiamento previsto nas IES.

f. Conceito de Formação do empreendedor

Nenhum dos participantes tem uma conceituação do que seria formação empreendedora.

g. Fontes de formação do empreendedor

Os participantes consideraram que as fontes de formação do empreendedor podem ser classificadas em três vertentes principais: ambiente familiar - influência dos pais ou exemplo empreendedor na família; pais podem moldar filhos para o negócio e, por isso, confiam mais nele para gestão do mesmo; aprendizado também pode ser obtido a partir dos erros cometidos por pais empreendedores. Ambiente acadêmico - matérias, bibliotecas com livros voltados para a temática, conhecer a gestão de uma empresa, incentivo à teoria e a prática, gerando apoio e conhecimento para tocar o negócio; junção de conhecimentos teóricos e práticos gera eficiência podendo levar as organizações ao sucesso. A ausência de um destes conhecimentos

pode levar ao fracasso. Prática empreendedora - percebem a existência de algumas pessoas sem formação acadêmica que são bem-sucedidas; nem todo exemplo pode ser seguido; experiências práticas de vivência profissional num segmento que leve a pessoa a abrir um negócio próprio nesse segmento no futuro.

h. Influências negativas na formação do empreendedor

Apontaram uma série de fatores: 1ª) O papel negativo da família: forçar a pessoa a empreender; 2ª) A qualidade do ensino: deixa muito a desejar, pois falta informação aos empreendedores, pois não se torna empreendedora na faculdade. A faculdade prepara mais para o negócio do que para ser empreendedor; 3ª) O ambiente empresarial versus estímulo ao empreendedorismo: Quanto maior a empresa menor contato com a experiência empreendedora. Mais difícil despertar a vontade. Segurança salarial influencia negativamente na assunção de riscos para empreender. É mais cômodo trabalhar em empresa do que abrir negócio. Pessoas sem estrutura acabam empreendendo por necessidade; 4ª) As oportunidades profissionais em empresas x opção por empreender: Empresas “roubam” talentos da faculdade. Empresas grandes podem atrair mais a atenção de alunos universitários pela maior possibilidade de crescimento profissional que aparentam dar. Empresas investem pesado no estímulo em carreiras internacionais com remuneração elevada que desestimula o interesse por empreender; 5ª) O papel da educação pública: A piora da educação pública é outro fator de desestímulo ao empreendedorismo. Atualmente tem-se mais foco no estímulo à merenda do que à aquisição de conhecimento; 6ª) Exemplos de sucesso do passado não necessariamente válido atualmente: Cultura de falta de importância do estudo para o sucesso do pai desestimula a atual geração.

i. Metodologia de ensino

As recomendações são: 1ª) Utilização do método do caso: Motiva mais o aluno a ler e estudar a teoria; cria interesse pelo tema e os exemplos de empreendimentos de sucesso de ex-alunos podem estimular os demais a empreender; 2ª) Estímulo à competição: Os professores poderiam explorar mais a competição entre alunos; 3ª) Estímulo à prática: Para despertar o interesse da pessoa com novas ferramentas, deixando o aluno mais confortável. Duas estratégias foram explicitadas: a criação de empresas virtuais por grupos de alunos com premiação da mais bem-sucedida e, simulação das rotinas de abertura de uma empresa (*benchmarking* de outra universidade); 4ª) Revisão da grade de ensino, como redução de disciplinas na vertente contábil. Comprometimento de um semestre ou um ano para projeto em grupo com premiação do melhor trabalho. Entendem também que a Universidade deveria oferecer matérias optativas sobre empreendedorismo desde o início do curso, nem contar nota, bastaria ter a possibilidade de escolha. Consideram os primeiros anos mais marcantes tendo maior retenção de conhecimento com poucas preocupações de busca de colocação no mercado.

j. Outras abordagens complementares à questão metodológica

O núcleo de empreendedorismo e a Empresa Júnior da Universidade têm um papel no contexto da formação empreendedora no ambiente acadêmico. 1ª) O papel do núcleo de empreendedorismo, como oportunidade de experiência profissional; 2ª) Fomentar o empreendedorismo na Universidade, como investimento financeiro junto aos alunos. Propicia saber das dificuldades que as IES sofrem para conquistarem recursos financeiros dedicados à educação. Os casos práticos da realidade brasileira devem ser utilizados no processo de ensino, além de dar maior visibilidade às incubadoras de empresas; 3ª) Quanto a Empresa Júnior, deveria haver maior divulgação e ênfase, pois apresenta a possibilidade de vivenciar os vários papéis organizacionais.

Análise das categorias obtidas no grupo de foco junto aos professores

a. Conceito de empreendedor

Consideram as características pessoais e as questões relacionadas à gestão do negócio, oportunidade e inovação e ao risco. O empreendedor é alguém que alia, concretiza e viabilizam idéias e oportunidades, o conhecimento e formação de forma a mobilizar pessoas, e obter reconhecimento e bons resultados. O empreendedor visto como uma pessoa que tem iniciativa, criativa, ousada, assim como ser líder e ter características psicológicas próprias. Possuem uma visão abrangente e crítica sobre o fenômeno do empreendedorismo, relacionando o conceito à forma como ele se posiciona frente aos negócios, às oportunidades e aos riscos controláveis - "*alguém que foge do lugar comum*". Conhecendo e atuando frente à gestão de negócio pode identificar as oportunidades, criar horizontes, bom planejamento, com foco em mobilizar pessoas e recursos para viabilizar e potencializar idéias, de forma a obter resultados econômico-financeiros, que lhe proporciona reconhecimento pela sociedade. Consideram que os empreendedores buscam novas oportunidades de negócios dentro ou fora de uma empresa, enxergando as mudanças como oportunidades e desbravando caminhos ainda não trilhados. O empreendedor se posiciona frente aos riscos de maneira controlada e não impedindo a realização de seus projetos

b. O empreendedor nasce pronto ou pode ser formado

Mesmo não existindo um consenso entre os participantes, são unânimes quanto à importância de um ambiente favorável ao desenvolvimento das características empreendedoras, destacando-se como fatores fundamentais para a formação de um empreendedor a boa formação, educação e o ensino. Entendem que o empreendedor é também desenvolvido a partir de fatores que envolvem o contexto sócio cultural, socialização, interação com outros atores: familiares, escola, exemplos que reforçam as características pessoais.

c. Formação do empreendedor

São quase unânimes quanto a ser possível formar empreendedores. Ressaltam a necessidade do estímulo e dos modelos para tal e consideram importante o papel da instituição, mas principalmente o papel e incentivo do professor. Dois dos participantes consideram difícil formar empreendedores no contexto da IES, mas consideram importante ampliar, despertar e incentivar as características empreendedoras já existentes.

d. Dificuldades em desenvolver o empreendedorismo no ambiente acadêmico

As principais causas e dificuldades em desenvolver empreendedores estão relacionadas à estrutura das escolas. A estrutura curricular é pouco flexível, excesso de teoria e pouca aplicação da prática. Ausência de espírito crítico do aluno e sua própria resistência ao novo, bem como a ausência de uma cultura empreendedora do próprio corpo docente. Acrescem seus comentários dizendo que há pouca literatura e conhecimento sobre o tema, destacando-se de uma forma geral a dificuldade em criar oportunidades de desenvolver essas características.

e. Contribuição da IES

Ressaltam que a instituição é percebida como exigente. Essa condição é vista como boa e que contribui para a formação empreendedora, mesmo assim concordam que é necessário ouvir as demandas dos alunos, que muito têm a dizer e contribuir. Mencionam o desenvolvimento de uma cultura voltada ao empreendedorismo, criando situações e um ambiente de incentivo e estímulo ao desenvolvimento de habilidades pessoais, técnicas e gerenciais requeridas ao empreendedor.

f. Práticas de ensino que favorecem a formação do empreendedor

Ressaltam: planos de negócios, palestras, jogos, visitas técnicas, trabalhos interativos e projetos integrados, discussão do fenômeno, trabalhos focados na idealização de projetos ou no contato com empresários. Destacam ainda a Empresa Júnior, incubadora, diretório

acadêmico, concursos de idéias, centro de pesquisas, trabalhos focados na idealização de projetos ou no contato com empresários. Atividades e práticas voltadas à pro - atividade, dando ao aluno liberdade de desenvolver atividades educacionais fora do padrão e do formalismo acadêmico.

Análise das categorias obtidas no grupo de foco junto aos pais de alunos

a. Conceito de empreendedor

Entendem que empreendedor é aquele que organiza algum empreendimento, tanto para tentar melhorar como para facilitar a vida de algumas pessoas. É investir em um negócio, buscando o seu crescimento. Precisa ter coragem de assumir esta condição. Aproveita as oportunidades, a partir de suas características pessoais, estendendo-as às demais pessoas.

b. Características do empreendedor brasileiro

Foram unânimes em afirmar que empreender é uma questão de vocação, de dom, não no sentido de ser natural e nato, mas de algo que vai se aperfeiçoando, de organização, de amadurecimento, ao longo do qual a visão para empreender vai se construindo. Precisa determinação, superação, coragem para enfrentar situações novas e inesperadas que, às vezes, beira a loucura. Não se empreende pela parte financeira, mas pela satisfação de empreender e, para tal, é preciso ser focado e organizado. Saber ousar, vestir a camisa, dedicar-se. Descobrir aquilo que é forte em cada um. Encontrar prazer no que faz. Alcançar liberdade para decidir sobre a vida (não querer ser mais empregado). Fazer acontecer. Saber respeitar as pessoas que trabalham com você. Não desistir.

c. Influência da família na formação empreendedora

A família tem um forte poder de influência na formação empreendedora. Com ela é que se aprende a cumprir os compromissos, a ser uma pessoa correta, a não levar vantagem em tudo, a fazer as coisas corretamente. Aprende-se sobre amizade e fidelidade. A família serve com referência e como exemplo de integridade e de honestidade a ser seguido na construção da formação empreendedora. Nem sempre a família acaricia, também corrige com firmeza. Ambas as atitudes são importantes na formação empreendedora. A segurança que se encontra no âmbito da família é a sustentação para que a pessoa empreenda no futuro. As instituições de ensino complementam a formação que as pessoas adquirem junto de suas famílias. Neste sentido, a “escola” deveria fazer mais cobranças.

Análise das categorias obtidas com empreendedores

Nem todos possuem um conceito formado do que é ser empreendedor. Entretanto, atribuem a esse ator social, características como alguém que enfrenta desafios, que possui iniciativa, capaz de encorajar e liderar grupos de pessoas, de pensar estrategicamente e de promover inovação. A essas características se soma a necessidade de ter uma boa base educacional e cultural. Apontaram como importante a existência de um conhecimento ou vivência anterior sobre o que quer empreender, conhecimentos adquiridos no convívio da família, especialmente observando as atividades desenvolvidas pelo pai, no exercício da atividade, pela influência de amigos e como resultado da educação formal adquirida na Universidade. Entendem que no Brasil é difícil empreender pela inexistência de infraestrutura básica, em termos de rodovias e ferrovias, para transportar produtos. A esta dificuldade soma-se a concorrência que enfrentam de empresas ligadas ao governo, em todos os níveis. Observam também como entrave ao ato de empreender no ramo de logística, a dificuldade de encontrarem mão-de-obra qualificada, profissionalizada e com pouco compromisso com os objetivos do empreendimento.

O Quadro 1 reúne os aspectos convergentes e divergentes dos resultados obtidos na pesquisa, junto aos alunos, professores, pais e empreendedores.

ITENS COMPARADOS	ASPECTOS DIVERGENTES				ASPECTOS CONVERGENTES
	Alunos	Professores	Pais Empreendedores	Empreendedores	
Conceito do empreendedor	Determinado, investe tempo e dinheiro em objetivos pessoais claros ligados a seus sonhos. Tem crença no seu potencial e na sua capacidade de realização.	O conhecimento e formação de forma a mobilizar pessoas, e obter reconhecimento e bons resultados. Ter características psicológicas próprias. Foco em mobilizar pessoas e recursos para viabilizar e potencializar suas idéias, de forma a obter resultados econômico-financeiros, que proporciona reconhecimento pela sociedade.	Organiza empreendimento, tanto para tentar melhorar como para facilitar a vida de algumas pessoas. Investe num negócio buscando o seu crescimento.	Capaz de encorajar e liderar grupos de pessoas.	<u>Todos os grupos</u> Tem iniciativa, corajoso, enfrenta desafios e corre riscos. É criativo e promove inovação. Têm objetivos pessoais e profissionais. <u>Maioria dos grupos</u> Vislumbra oportunidades e as concretiza. Atua de forma planejada
Dificuldades para empreender no Brasil	Várias barreiras para empreender. No âmbito acadêmico faltam de projeto, incentivo financeiro e acesso dificultado a informações. Tais problemas afetam tanto empreendedores quanto alunos.	NÃO ABORDARAM O TEMA	Quantidade de regras e de leis que geradas diariamente. Dificuldades e entraves criados pela burocracia brasileira.	Inexistência de infraestrutura básica, e apoio de empresas ligadas ao governo, em todos os níveis. Pessoas qualificadas, e comprometidas com os objetivos do empreendimento.	Tarefa árdua / complexa. Falta de apoio governamental
A possibilidade de formar empreendedores e a formação empreendedora	Depende da existência de características como competências e habilidades a ser desenvolvidas, porém que demandam tempo. Para os jovens poderia ser um problema que, como o tempo, no longo prazo poderia haver uma maior facilidade.	Boa formação, educação e o ensino. Necessidade do estímulo e dos modelos formar empreendedores. Importância do papel da instituição e em especial o papel de incentivo do professor. Aqueles que consideram difícil formar, acreditam possível ampliar, despertar e incentivar as características empreendedoras já existentes.	NÃO ABORDARAM O TEMA	NÃO ABORDARAM O TEMA	Concordam que empreendedores podem ser formados. A formação empreendedora não deveria ser vista exclusivamente sob o prisma acadêmico de um processo educacional formal e sim como algo mais amplo. Fatores que envolvem o entorno sócio cultural, socialização, ambiente em que a pessoa nasceu e viveu ao longo de sua vida, interação com outros atores: familiares, escola, exemplos que reforçam as características pessoais.

Quadro 1 – Aspectos convergentes e divergentes sobre a formação empreendedora à luz dos participante da pesquisa
Fonte: elaborado pelos autores com dados da pesquisa de campo.

(Continua)

ITENS COMPARADOS	ASPECTOS DIVERGENTES				ASPECTOS CONVERGENTES
	Alunos	Professores	Pais Empreendedores	Empreendedores	
<i>Influências na formação do empreendedor</i>	Ambiente familiar: Ambiente acadêmico: Prática empreendedora: Influências negativas: A família forçar a pessoa a empreender. A faculdade prepara mais para o negócio do que a empreender. Quanto maior a empresa menos contato com empreendedorismo. Empresas “roubam” talentos da faculdade. Educação pública ruim. Sucesso passado não necessariamente válido atualmente.	NÃO ABORDARAM O TEMA	A família tem forte influência na formação, serve de exemplo de integridade. Amizade e fidelidade. Nem sempre a família acaricia, mas corrige com firmeza. As atitudes são importantes na formação. A segurança que se encontra na família é a sustentação para a pessoa empreender no futuro. As IES complementam a formação e a escola deveria fazer mais cobranças.	Vivência ou existência de conhecimentos adquiridos no convívio da família, especialmente observando as atividades desenvolvidas pelo pai, no exercício da atividade, pela influência de amigos e como resultado da educação formal adquirida na Universidade.	Há concordância quanto à influência do ambiente familiar e as Instituições de ensino. Porém o foco dado em cada grupo é distinto. A visão dos alunos é mais de operacionalização para a prática empreendedora enquanto a visão dos pais é mais centrada na questão do exemplo que a família pode propiciar por meio de valores.
<i>Contribuições das IES à formação empreendedora</i>	Usar método do caso Estimular competição entre os alunos Revisão da grade de ensino Explorar mais os dois primeiros anos Núcleo de empreendedorismo: Oportunidade de experiência profissional e fomento ao empreendedorismo Criar seguidores. Investir nos jovens Parcela de docentes ser empreendedora Buscar convênios com instituições	Instituição exigente e contribui na formação empreendedora. Criar a cultura empreendedora com situações e ambiente de incentivo ao desenvolvimento de habilidades pessoais, técnicas e gerenciais requeridas ao empreendedor. Práticas estimuladoras do desenvolvimento empreendedor: planos de negócios, palestras, jogos, trabalhos interativos e projetos integrados, discussão do fenômeno, trabalhos focados em idealizar projetos. Participar no diretório acadêmico, incubadoras e centro de pesquisas.	NÃO ABORDARAM O TEMA	NÃO ABORDARAM O TEMA	Trabalhos focados na idealização de projetos. Atuação da Empresa Junior (possibilidade de vivenciar papéis organizacionais) Concursos de idéias de novos produtos e novas empresas As atividades e práticas estariam voltadas em desenvolver a pró-atividade, dando ao aluno liberdade de desenvolver atividades educacionais fora do padrão e do formalismo acadêmico. Consideram necessário ouvir as demandas dos alunos, que muito têm a dizer e contribuir. Realização de visitas a empresas e contato com empresários do perfil empreendedor

Fonte: elaborado pelos autores.

Considerações Finais

A presente pesquisa teve por objetivo identificar quais são os fatores determinantes para a formação empreendedora e que auxiliem na construção de um projeto pedagógico voltado para tal formação.

Os resultados apontam que o projeto pedagógico do curso de graduação em Administração adotado pela Universidade pesquisada precisa de uma revisão, para que possa contemplar novas metodologias e tecnologias de ensino, propiciando o alinhamento do que se ensina em sala de aula com o que se aplica ou mesmo se utiliza no dia-a-dia profissional, independentemente do ramo, área ou se o contexto é de empresas estabelecidas. A proposta é a de que a aprendizagem não deve ser estimulada somente em sala de aula. Deve ter como finalidade oferecer, de maneira ampliada, uma visão do contexto social e, mais especificamente do mercado, como um todo. Esta sala de aula é pequena demais para contemplar essa complexidade.

Desenvolver um empreendedor requer desenvolver uma visão holística, otimista, no sentido de ver oportunidades ao invés de ameaças, e de aceitar os riscos impostos. Várias opções foram sugeridas pelos participantes, no que se referem ao ensino visando formar empreendedores. Sob o ponto de vista dos alunos, consideram-se relevantes a elaboração de planos de negócios, palestras, estudos de casos, pesquisas de campo, alterar a matriz curricular dos cursos visando torná-la mais contemporânea.

Os participantes concordam que empreendedores podem ser formados. Esta crença é baseada na convicção que as pessoas não nascem sabendo tudo e que atividades de treinamento podem instruir as pessoas.

A atuação empreendedora depende da existência de determinadas características como desenvolvimento de competências e habilidades que podem ser desenvolvidas.

O apoio governamental no processo de formação empreendedora foi considerado relevante. Pontuam que a formação empreendedora não deveria ser vista exclusivamente sob o prisma acadêmico de um processo educacional formal e sim como algo amplo, por exemplo, a influência dos pais ou exemplo empreendedor na família e que o aprendizado também pode ser obtido a partir dos erros cometidos por pais empreendedores.

Em outro universo do ambiente acadêmico, por exemplo, as disciplinas, bibliotecas com livros voltados para a temática, conhecer a gestão de uma empresa, incentivo e junção de conhecimentos teóricos e práticos para tocar o negócio, podem trazer resultados satisfatórios no processo ensino-aprendizagem. No que se refere à prática empreendedora, sinalizam que há pessoas sem formação acadêmica e que são bem-sucedidas. Entretanto, nem todo exemplo pode ser seguido. Sugerem, dentre várias metodologias, a utilização do estudo de caso para exemplificar e tornar mais atrativo a aprendizagem; pontuam a importância do estímulo à pesquisa visando fomentar o ensino do empreendedorismo e ressaltam a importância do desenvolvimento da incubadora de empresas dentro da universidade.

À luz dos professores, verifica-se que a instituição é percebida como exigente. Essa condição é vista como boa e que contribui para a formação empreendedora, mesmo assim concordam que é necessário ouvir as demandas dos alunos, que muito têm a dizer e contribuir. Como sugestões são mencionadas o desenvolvimento de uma cultura voltada ao empreendedorismo, criando situações e um ambiente de incentivo e estímulo ao desenvolvimento de habilidades pessoais, técnicas e gerenciais requeridas ao empreendedor.

Em termos pedagógicos, professores e alunos concordam em relação à importância de trazer mais experiências práticas para a discussão.

Todavia, os professores acreditam que os planos de ensino, atualmente em vigor, estão com excesso de teoria e pouca aplicação da prática, deixando pouco espaço para o professor trazer situações mais dinâmicas da realidade gerencial. Uma situação relevante levantada pelos professores é a ausência de espírito crítico do aluno e sua própria resistência ao novo.

Como a estrutura de sala de aula dificulta o desenvolvimento de um espírito crítico e de questionamentos, os alunos encontram dificuldade para desenvolver essa habilidade. Pontuam que há resistência ao novo e que em situações em que propiciam diferentes metodologias, visando desenvolver a aprendizagem, muitas vezes são vistas negativamente pelos alunos, que preferem, via de regra, uma aula mais no padrão expositivo e tradicional.

O que é percebido como práticas que estimulariam novos empreendedores, tanto pelos professores como pelos alunos, são as palestras, jogos e visitas técnicas. Isso é dificultado pela própria estrutura organizacional da universidade, que acaba por impor uma série de documentos necessários para a realização de qualquer atividade extra, ficando assim reduzido o desenvolvimento de situações novas para os alunos, como por exemplo, as visitas técnicas.

Sob a ótica dos pais empreendedores, empreender é uma questão de vocação, de dom, não no sentido de ser natural e nato, mas de algo que vai se aperfeiçoando, fruto do amadurecimento, ao longo do qual a visão para empreender vai se construindo.

Consideram que a família tem um forte poder de influência na formação empreendedora, servindo como referência. Por outro lado, pontuam que as instituições de ensino complementam a formação que as pessoas adquirem junto de suas famílias. Neste sentido, a “escola” deveria fazer mais cobranças.

As reflexões advindas dos empreendedores, acerca da formação empreendedora, culminam com sugestões de que para formar empreendedores, além de uma boa base educacional e cultural, somam-se vivências e conhecimentos adquiridos no convívio da família, no exercício da atividade, influência de amigos e a educação formal adquirida na Universidade.

Enfim, esses dados evidenciam a necessidade de reflexões acerca do tema e depreende-se que a formação empreendedora não é um atributo exclusivo da Instituição de Ensino Superior, não obstante possuir um papel preponderante para essa formação. Neste sentido, o olhar deve voltar-se para o alinhamento do projeto pedagógico com as diretrizes da formação empreendedora, buscando convergir disciplinas que atendam melhor a realidade, metodologias que incentivem os alunos a integrar teoria e prática, por meio de atividades extensionistas, visando a participação efetiva no contexto social, bem como incentivo à pesquisa.

De maneira complementar, evidencia-se a necessidade de uma estrutura acadêmica que viabilize as ações pedagógicas inerentes à formação empreendedora em ambientes internos e externos, além de capacitar os professores para atender com presteza essa demanda.

Referências Bibliográficas

- ABREU, M. C. de; MASETTO, M.T. **O professor universitário em Aula**. São Paulo: MG,1990.
- ANDRADE, R. O B de; AMBONI, N. **Diretrizes Curriculares para o Curso de Graduação em Administração. Como entendê-las e aplica-las na elaboração e revisão do projeto pedagógico**. Brasília: Conselho federal de Administração, 2003.
- AQUINO, R. Tanto as universidades quanto o ensino médio e fundamental podem contribuir para a formação de um empreendedor. *Universia*, 2004.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BOTOMÉ, S. P. (1998). **Análise experimental do comportamento em educação: algumas perspectivas para o desenvolvimento de aprendizagens complexas**. Texto para o concurso de professor titular do Dep. de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.
- DRUCKER, P. **Sociedade pós-capitalista**. São Paulo: Pioneira, 1997.
- FALCÃO FILHO, J.L. M. **A formação e a prática do educador: antigos e novos paradigmas**. Educação Brasileira. Revista do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras. Vol. 19 – número 38 – jan – jul,1997.

- FELDENS, M. G. F. **Desafios na formação e profissionalização de professores Universitários. Educação Brasileira. Revista do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.** Vol. 18 – número 36 – jan– jul,1996.
- FILION, L. J. O planejamento do seu sistema de aprendizagem empresarial: identifique uma visão e avalie o seu sistema de relações. **Revista de Administração.** v. 31, n. 3, p. 63-71, jul./set. 1991.
- FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Bookman, 2004.
- FREITAS, H. e OLIVEIRA, Mírian Focus Group: instrumentalizando o seu planejamento. IN: GODOI, C. K. BANDEIRA-DE-MELLO, R. SILVA, A.B. da **Pesquisa Qualitativa**, 2006.
- GLASER e STRAUSS, The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research. **Chicago:** Aldine Pub., 1999.
- KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas.** São Paulo: Perspectiva, 1987.
- LIBÂNEO, J.C. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos.** São Paulo: Loyola, 1986.
- LÖBLER, H. Learning Entrepreneurship from constructivist perspective. **Technology Analysis & Strategic Management**, Alemanha: Leipzig, Fev, 2006.
- MASETTO, M. T. **Competência pedagógica do professor universitário.** São Paulo: Summus, 2003.
- MENEZES, R. **Metodologia para gestão do processo de formação empreendedora em Universidades.** Locus Científico, Vol I,IV, 2007. p.72-78.
- MIZUKAMI, M.G.N. **Ensino: abordagens do processo.** São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.
- NASSIF, V.M.J. **O docente e a gestão de recursos humanos: o desvelar e desenvolvimento de competências como estratégia de competitividade.** Tese de Doutorado. UPM, 2000.
- NISKIER, A.. **LDB: a nova lei da educação.** Rio de Janeiro: Consultor,1997.
- OLIVEIRA, M.K. de VYGOTSKY – **Aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-histórico.** São Paulo: Editora Scipione, 1995.
- RODRIGUES, A.L; THOMAZ, J.C.; TORRES, R.G.;SOARES, J.R.; ARRAES, M. Conhecendo Tamboré: um estudo do ambiente utilizando a pesquisa-ação. **Relatório Final de Pesquisa.** Mackpesquisa. Instituto Presbiteriano Mackenzie, 2007.
- SHEPHERD, D. Educating entrepreneurship students about emotion and learning from failure. **Academy of management – Learning & Education**, Colorado: 2004.
- SOUSA, E.C. B. M. de. **A importância da avaliação de docente para seu próprio crescimento profissional e para a melhoria da qualidade do ensino.** Caderno Complementar de Avaliação de Docentes e do Ensino: p. 289. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.
- SOUZA, E.C.L; GUIMARÃES, T. **Empreendedorismo além do plano de negócios.** São Paulo: Atlas, 2005.
- UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação Superior.** Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI: visão e ação. Marco referencial de ação prioritária para a mudança e o desenvolvimento da educação superior. Piracicaba: Ed. UNIMEP, 1998.
- VASCONCELOS, M. L. M. **A Formação do Professor do Ensino Superior** São Paulo: Editora Pioneira. 2a. edição. 2000.
- ZABALZA, M. A. **O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas.** Porto Alegre: Artmed, 2004.